



**CAPITAL SOCIAL EM FOCO: CONCEITOS, FUNDAMENTOS TEÓRICOS E
TRAJETÓRIAS DO DEBATE**
***CAPITAL IN FOCUS: CONCEPTS, THEORETICAL FOUNDATIONS AND PATHWAYS
OF THE DEBATE***

**Grupo de Trabalho (GT): 03. Comunidades tradicionais, comunidades costeiras, saberes
locais e territorialidade na Amazônia.**

*Sandra Ines Horn Bohm – Universidade do Vale do Taquari, UNIVATES, e-mail:
sandra.bohm@universo.univates.br*

*Júlia Elisabete Barden – Universidade do Vale do Taquari, UNIVATES, e-mail:
jbarden@univates.br*

Resumo

Este artigo tem como propósito discutir o capital social a partir de uma revisão bibliográfica sistematizada, de natureza qualitativa e interpretativa, que reúne aportes teóricos clássicos e contemporâneos. A investigação, elaborada como capítulo de tese, contemplou produções em português, inglês e espanhol, localizadas em bases acadêmicas nacionais e internacionais (Scopus, Web of Science, SciELO, JSTOR, Google Scholar e CAPES/BDTD), além de catálogos editoriais e relatórios institucionais. O estudo tem como objetivos: (i) sistematizar conceitos e fundamentos teóricos que estruturaram o debate sobre capital social; (ii) analisar convergências e divergências entre autores clássicos e contemporâneos; (iii) discutir a ambivalência do conceito, evidenciando tanto seu potencial inclusivo quanto sua capacidade de reproduzir desigualdades; e (iv) situar a reflexão em contextos amazônicos, destacando o papel do capital social como infraestrutura relacional que sustenta práticas comunitárias, gestão coletiva de recursos, transmissão de saberes locais e afirmação territorial. O exame das obras demonstra que, apesar das diferentes matrizes teóricas — como a crítica estruturalista de Bourdieu, a visão funcionalista de Coleman e a abordagem cívico-democrática de Putnam —, há convergência quanto ao reconhecimento do papel central do capital social para fortalecer vínculos, promover confiança e sustentar a ação coletiva.

Palavras-chave: capital social; comunidades tradicionais; Amazônia; reciprocidade; desenvolvimento sustentável.

Abstract

This article aims to discuss social capital through a systematized bibliographic review, qualitative and interpretative in nature, which integrates both classical and contemporary theoretical contributions. Developed as part of a doctoral thesis, the research encompassed works in Portuguese, English, and Spanish, retrieved from national and international academic databases (Scopus, Web of Science, SciELO, JSTOR, Google Scholar, and CAPES/BDTD), in addition to editorial catalogs and institutional reports. The study pursues four objectives: (i) to systematize concepts and theoretical foundations that have shaped the debate on social capital; (ii) to analyze convergences and divergences among classical and contemporary authors; (iii) to discuss the ambivalent nature of the concept, highlighting its potential for inclusion as well as its role in reproducing inequalities; and (iv) to situate this reflection within Amazonian contexts, emphasizing social capital as a relational infrastructure that sustains community practices, collective resource management, knowledge transmission, and territorial affirmation. The findings demonstrate that, despite being mobilized from distinct theoretical perspectives — such as Bourdieu's structuralist critique, Coleman's functionalist approach, and Putnam's civic-democratic perspective — there is consensus on the central role of social capital in strengthening trust, fostering cooperation, and sustaining collective action.

Keywords: social capital; traditional communities; Amazon; reciprocity; sustainable development.

1. Introdução

O conceito de capital social ultrapassa a esfera das definições teóricas e se revela, na prática, como parte constitutiva das relações humanas. Ele está presente nos gestos cotidianos



de confiança, nas redes de cooperação que sustentam comunidades e nos vínculos de reciprocidade que permitem a continuidade da vida coletiva. Ao longo das últimas décadas, diferentes autores têm se dedicado a compreender esse fenômeno, reconhecendo-o como um elemento central para explicar não apenas a dinâmica das relações sociais, mas também seus impactos na economia, na política e no desenvolvimento das sociedades.

Este artigo tem como propósito sistematizar as principais abordagens sobre o capital social, reunindo conceitos, fundamentos e perspectivas teóricas que marcaram sua evolução. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica aprofundada, contemplando artigos, livros e estudos que discutem o tema em diferentes contextos. O esforço aqui empreendido não se limita a apresentar definições, mas busca construir uma visão crítica e estruturada, capaz de evidenciar as convergências e divergências entre as correntes de pensamento.

Este estudo fundamenta-se em uma revisão bibliográfica sistematizada, de natureza qualitativa e interpretativa. A opção por esse caminho metodológico partiu do entendimento de que a construção de um quadro teórico sólido requer não apenas mapear o que já foi produzido, mas também identificar os diálogos, as tensões e as lacunas que atravessam a literatura sobre capital social.

O processo envolveu a consulta a bases nacionais e internacionais amplamente reconhecidas (Scopus, Web of Science, SciELO, JSTOR, Google Scholar e CAPES/BDTD), além de catálogos editoriais e relatórios institucionais. Foram priorizadas produções em português, inglês e espanhol, abrangendo tanto as obras clássicas que inauguraram o debate quanto pesquisas mais recentes que ampliam a compreensão do tema em contextos diversos, com atenção especial às comunidades tradicionais e ao território amazônico.

Mais do que reunir textos, buscou-se compreender como diferentes autores e perspectivas teóricas se encontram, se afastam ou se complementam. Para isso, a análise foi conduzida a partir de um olhar crítico e reflexivo, combinando categorias já consolidadas na literatura (bonding, bridging, linking) com elementos emergentes identificados na leitura. Essa escolha metodológica permite não apenas sistematizar o conhecimento existente, mas também oferecer interpretações que iluminam novas possibilidades de compreender a relação entre capital social, práticas coletivas e territorialidade.

A escolha pelo GT03 se justifica porque a análise busca compreender como os laços de confiança, cooperação e reciprocidade fortalecem as comunidades tradicionais, valorizam os saberes locais e contribuem para a construção das territorialidades na região. Dessa forma, pretende-se articular a discussão teórica sobre capital social com a realidade amazônica, evidenciando sua importância para a consolidação de práticas coletivas e sustentáveis. Assim, este trabalho se insere em um movimento maior de valorização das experiências comunitárias, reconhecendo que o conhecimento científico e os saberes locais podem se complementar na busca por alternativas de desenvolvimento mais justas e sustentáveis.

2. Conceitos e Definições de Capital Social

O conceito de capital social tem suas raízes nos séculos XVIII e XIX, período em que diversos pesquisadores começaram a abordar temas relacionados à convergência entre democracia e vida associativa, conforme apontado por Forgiarini (2014). Pensadores proeminentes como Alexis de Tocqueville, Max Weber, Karl Marx, Émile Durkheim e John Locke contribuíram para as bases desse conceito, relacionando-o às ciências econômicas, sociais e políticas.

Avançando para o início do século XX, Lydia Judson Hanifan introduziu o termo "capital social" de forma pioneira, em 1916. Ele destacou que "por 'capital social' refiro-me a boa vontade, à simpatia e à interação social entre os indivíduos e famílias que compõem uma



unidade social" (Hanifan, 1916). Hanifan enfatizou a importância da interação comunitária como elemento essencial para melhorar as condições de vida das comunidades rurais e afirmou que "quando os indivíduos de uma comunidade se associam de maneira amigável e cooperativa, eles aumentam o estoque de capital social, e o resultado é o benefício mútuo para todos os membros" (Hanifan, 1916). Embora sua abordagem tenha sido prática e voltada para a educação rural, ela lançou as bases para debates futuros.

Décadas depois, teóricos como Pierre Bourdieu, Robert Putnam e James Coleman expandiram e aprofundaram as discussões sobre capital social. Bourdieu analisou o conceito sob a perspectiva das redes sociais e do poder, associando-o à acumulação de recursos que possibilitam a ascensão em uma estrutura de desigualdade. Putnam, por sua vez, destacou o papel do capital social na coesão social e no fortalecimento da democracia, considerando que "o declínio do capital social é também um declínio da confiança mútua" (Putnam, 2000). Coleman abordou o capital social como um recurso para o sucesso educacional e a construção de capital humano, afirmando que "o capital social reside nas relações entre as pessoas que permitem ações efetivas" (Coleman, 1988). Dessa forma, os estudos de Hanifan constituíram uma base inicial que foi amplamente complementada pelas diferentes perspectivas e aprofundamentos desses autores em contextos variados.

É amplamente reconhecido que o capital social pode ser dividido em dois tipos principais (QUADRO 1). O primeiro, descrito por Bourdieu (1998), refere-se às redes de relações sociais que proporcionam acesso a recursos disponíveis apenas por meio dessas conexões. O segundo, mais associado aos trabalhos de Coleman (1988) e Putnam (1993, 2000), foca nas redes sociais dentro da sociedade, ressaltando como a colaboração entre indivíduos pode promover o desenvolvimento do ambiente social e econômico. Conforme Putnam (1996), "o capital social abrange características da organização social, como confiança, normas e redes, que facilitam ações coordenadas e promovem eficiência coletiva."

Quadro 1 - Tipo de Capital Social

Tipo de Capital Social	Defensor(es)	Foco Principal	Nascimento / Falecimento
Individual / Relacional	Pierre Bourdieu (1998)	Recursos acessíveis por meio das redes pessoais do indivíduo	01/08/1930 – 23/01/2002
Coletivo / Comunitário	James Coleman (1988)	Cooperação social, normas, confiança e participação coletiva	12/05/1926 – 25/03/1995
	Robert Putnam (1993, 2000)	Redes de confiança e engajamento cívico; fortalecimento da comunidade	Nascido em 09/01/1941

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

O Quadro 1, apresenta uma classificação dos tipos de capital social com base em suas principais características e enfoques teóricos. O capital social individual ou relacional, defendido por Pierre Bourdieu (1998), destaca os recursos que um indivíduo pode acessar por meio de suas redes sociais pessoais, enfatizando como essas conexões podem proporcionar vantagens e oportunidades dentro de uma estrutura social. Já o capital social coletivo ou

comunitário, abordado por James Coleman (1988) e Robert Putnam (1993, 2000), foca na cooperação entre indivíduos, normas compartilhadas, confiança mútua e participação coletiva. Essa forma de capital social está associada à capacidade de fortalecer laços comunitários e promover ações coordenadas que resultem em benefícios para o grupo, contribuindo para o desenvolvimento social e econômico. A distinção entre os dois tipos evidencia como o capital social opera tanto em nível individual quanto em um contexto mais amplo, envolvendo a comunidade como um todo.

Quadro 2 - Quadro comparativo incluindo os locais onde Bourdieu, Coleman e Putnam conduziram suas pesquisas:

Teórico	Período	Contexto Histórico	Influências Teóricas	Local de Estudo
Pierre Bourdieu	1960-2000	Pós-Segunda Guerra Mundial, ascensão do estruturalismo e marxismo na sociologia francesa	Marxismo, Estruturalismo, Antropologia Social	Universidade de Paris (França), Pesquisa na Argélia
James Coleman	1960-1990	Debates sobre mobilidade social e impacto das redes sociais na educação nos EUA	Teoria da Escolha Racional, Sociologia da Educação	Universidade de Chicago (EUA)
Robert Putnam	1980-presente	Declínio da participação cívica nos EUA, crescente individualismo e crise na democracia	Ciência Política, Sociologia, Comunidade e Governança	Universidade de Harvard (EUA)

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

O quadro 2 apresenta uma comparação entre esses teóricos, considerando o período de suas contribuições, o contexto histórico em que estavam inseridos, as influências teóricas que moldaram suas ideias e os locais onde conduziram suas pesquisas. Esse panorama permite visualizar as diferenças e convergências entre suas abordagens, proporcionando uma compreensão mais ampla do conceito de capital social e de sua relevância para diversas áreas do conhecimento e da prática social.

Visando aprofundar as contribuições teóricas de Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam, o Quadro 3 - apresenta as implicações na sociedade contemporânea. Vale frisar que a pesquisa é fundamentada em uma abordagem interdisciplinar, utilizando conceitos da sociologia, ciência política e economia para ampliar a compreensão sobre o papel do capital social nas dinâmicas sociais.

Visando aprofundar as contribuições teóricas de Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam, o quadro 3 - apresenta e analisa suas implicações na sociedade contemporânea. Vale frisar que a pesquisa é fundamentada em uma abordagem interdisciplinar, utilizando conceitos da sociologia, ciência política e economia para ampliar a compreensão sobre o papel do capital social nas dinâmicas sociais.

Quadro X - Quadro comparativa das abordagens de Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam sobre o capital social

Aspecto	Pierre Bourdieu	James Coleman	Robert Putnam
---------	-----------------	---------------	---------------



**Matrizes energéticas e concessões na Amazônia:
entre os desafios e o futuro sustentável**

50 Simpósio da
SOBER Norte

Definição de Capital Social	Conjunto de recursos sociais acumuláveis que são utilizados para manutenção do poder e reprodução das desigualdades sociais.	Recurso coletivo que facilita a cooperação e a eficiência das interações sociais, promovendo a educação e o desenvolvimento humano.	Redes de confiança, normas sociais e participação cívica que fortalecem instituições democráticas e a coesão comunitária.
Perspectiva Sociológica	Estruturalista e crítica, enfatizando as relações de poder e dominação na sociedade.	Funcionalista e pragmática, centrada na eficácia das redes sociais na produção de capital humano.	Comunitária e política, focada na importância da participação social para o funcionamento democrático.
Mecanismo Central	As relações sociais são estruturadas dentro de “campos”, onde os agentes competem pelo acúmulo de diferentes formas de capital (econômico, cultural e simbólico).	As redes sociais e a confiança geram externalidades positivas, facilitando a transmissão de normas e valores que beneficiam a coletividade.	A participação em redes voluntárias e associações promove a colaboração e fortalece o tecido social.
Impacto Social	O capital social reforça as desigualdades ao permitir que grupos privilegiados acumulem vantagens e restrinjam o acesso de outros.	O capital social melhora o desempenho educacional, facilita interações econômicas e reduz custos de transação nas relações sociais.	A queda na participação cívica reduz a coesão social e enfraquece instituições democráticas.
Tipos de Capital Social	Interligado ao capital econômico e cultural, sendo um meio de reprodução das hierarquias sociais.	Capital social como mecanismo de apoio ao desenvolvimento humano e educacional.	Bonding (fortalece redes internas) e Bridging (cria conexões entre diferentes grupos sociais).
Relação com a Educação	Instituições educacionais reforçam desigualdades ao favorecerem estudantes com maior capital social e cultural.	A interação entre pais, professores e alunos melhora o desempenho escolar por meio de redes de suporte.	O capital social influencia a participação cívica, determinando padrões de engajamento em temas educacionais.
Consequências Políticas	Manutenção de elites e reprodução das estruturas de poder político e econômico.	Formação de cidadãos mais preparados para a vida social e econômica, fortalecendo instituições.	Sociedades mais participativas apresentam governos mais eficazes e democracias mais estáveis.
Crítica ou Limitação	Enfatiza a dominação, mas ignora aspectos positivos do capital social na mobilidade social.	Pouca atenção às desigualdades estruturais; foca em eficiência sem abordar exclusão.	Pode simplificar processos sociais e negligenciar desigualdades que afetam acesso ao capital social.
Obras Principais	The Forms of Capital (1986)	Social Capital in the Creation of Human Capital (1988)	Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community (2000)

Fonte: Elaborado pela autora (2025), adaptado Bourdieu (1986), Coleman (1988) e Putnam (2000).

De acordo com o Quadro 3, a comparação entre as abordagens de Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam sobre o capital social revela não apenas diferenças conceituais, mas também implicações para a compreensão das dinâmicas sociais, educacionais, econômicas e políticas. Cada um desses teóricos interpreta o capital social sob



um prisma único, moldado por suas influências teóricas, contextos históricos e áreas de estudo.

Bourdieu conceitua o capital social como um recurso acumulável que permite que indivíduos e grupos privilegiados preservem e ampliem seu poder dentro das estruturas sociais. Ele enfatiza a ideia de que as relações sociais são estruturadas dentro de "campos", nos quais os agentes competem por diferentes formas de capital (econômico, cultural e simbólico). Sua abordagem estruturalista e crítica demonstra como o capital social pode funcionar como um mecanismo de reprodução das desigualdades, garantindo que grupos dominantes mantenham acesso preferencial a oportunidades e influência. Esse modelo ressalta a natureza excludente das redes sociais, mostrando como a mobilidade social pode ser restringida pela falta de acesso a determinados grupos e círculos de poder.

Em uma perspectiva mais funcionalista e pragmática, Coleman analisa o capital social como um fator que melhora a cooperação e fortalece a eficiência social. Ele argumenta que redes de confiança e normas sociais facilitam a ação coletiva, reduzindo custos de transação e permitindo que comunidades se organizem para alcançar objetivos comuns. O autor atribui grande importância ao papel do capital social na educação, demonstrando como laços fortes entre pais, professores e alunos criam ambientes mais favoráveis ao aprendizado e à formação de cidadãos preparados para a vida em sociedade. Diferente de Bourdieu, Coleman destaca os aspectos positivos do capital social, considerando-o um recurso acessível que pode ser mobilizado para o progresso social.

Putnam amplia o debate ao abordar o capital social como um elemento essencial para a participação cívica e a governança democrática. Ele sugere que redes de confiança e normas de reciprocidade fortalecem instituições políticas e promovem maior envolvimento dos cidadãos nos processos democráticos. Seu conceito de *bonding social capital* (capital social de vínculo) refere-se a conexões fortes dentro de grupos homogêneos, enquanto *bridging social capital* (capital social de conexão) descreve interações que ligam diferentes grupos sociais, gerando diversidade e inovação. Segundo Putnam, sociedades com alto nível de capital social tendem a apresentar governos mais eficazes, maior colaboração comunitária e uma democracia mais estável. No entanto, ele também alerta para o declínio da participação cívica e suas consequências para a coesão social.

A síntese dessas três abordagens demonstra como o capital social pode ser interpretado de formas distintas: como um mecanismo de dominação (Bourdieu), como um facilitador do desenvolvimento (Coleman) e como um elemento essencial para a democracia (Putnam).

3. Aplicações Práticas do Capital Social em Estudos de Caso

A compreensão do capital social em contextos aplicados tem se revelado uma estratégia analítica valiosa para examinar como as relações sociais influenciam diferentes dimensões da vida organizacional, comunitária e econômica. Diversos estudos de caso contribuem para aprofundar a noção de capital social como um recurso fundamental à cooperação, à governança participativa e à promoção do desenvolvimento sustentável.

Gamba-Lima et al. (2024) conduziram um estudo teórico voltado à análise das dimensões do capital social no contexto das redes empresariais. Os autores destacam que a qualidade das relações interpessoais, entendida como capital social, está diretamente relacionada à resiliência e ao desempenho dessas redes. A partir de uma revisão da literatura, o trabalho enfatiza que o capital social constitui um ativo intangível estratégico, que pode ser



fortalecido por meio de práticas cooperativas eficazes, sendo essencial para a sustentabilidade organizacional em um ambiente econômico dinâmico.

Na mesma linha de reflexão, Correa e Pinheiro (2024) abordam o capital social sob a ótica sociológica, destacando quatro elementos estruturantes: normas, confiança, redes sociais e governança. Os autores argumentam que a construção de capital social se dá a partir do compartilhamento de valores comuns e da prática deliberativa, favorecendo decisões mais inclusivas e eficazes. A pesquisa ressalta a importância das redes sólidas na promoção da coesão social e da participação cidadã em processos coletivos.

No âmbito das experiências rurais, Aguiar, Romaniello e Pelegrini (2021) analisaram a atuação do sistema Fairtrade entre cafeicultores da Cooperativa “Dos Costas”, em Boa Esperança (MG). O estudo revelou que o comércio justo fortalece significativamente os laços comunitários e estimula a cooperação entre os produtores. Utilizando uma abordagem qualitativa, os autores identificaram que o Fairtrade atua como catalisador da confiança mútua e da ação coletiva, promovendo o engajamento social e o desenvolvimento comunitário.

A importância da solidariedade como base para o capital social também foi evidenciada no estudo de Giarola, Betanho e Moura (2024), que relataram a experiência da Feirinha Solidária do CIEPS/UFRJ. Através da metodologia de pesquisa-ação, os autores demonstram como esse espaço de comercialização e encontro fortalece redes de relacionamento, fomenta a construção de normas coletivas e incentiva a confiança entre os participantes. A feirinha é apresentada não apenas como um instrumento de geração de renda, mas como um locus de transformação social sustentada por relações cooperativas.

Em contrapartida, o estudo de Souza, Fernandes e Matos (2024), desenvolvido na comunidade reassentada de Vila Nova de Teotônio (RO), ilustra como grandes empreendimentos podem fragilizar o capital social local. Através de um survey aplicado às famílias reassentadas, os autores constataram a diminuição da confiança interpessoal e da realização de ações coletivas. Os resultados evidenciam que, mesmo com algum nível de estabilidade subjetiva (como a percepção de felicidade no trabalho), as redes sociais da comunidade foram profundamente impactadas, dificultando a coesão e a ação comunitária.

A relação entre capital social e indicadores socioeconômicos foi discutida por Ribeiro e Araújo (2018), que elaboraram um índice de capital social com base em dados da World Values Survey. Os autores demonstram que esse capital exerce impacto direto e positivo sobre a renda e é ainda mais relevante entre os grupos de menor renda. Em alguns casos, sua influência supera variáveis tradicionais como emprego, estado civil ou raça, configurando-se como elemento-chave na redução da pobreza no Brasil.

No campo da saúde pública, Pattussi et al. (2006) discutem os desafios conceituais e metodológicos da utilização do capital social como ferramenta analítica em epidemiologia. Apesar das limitações, os autores ressaltam que comunidades com elevados níveis de capital social tendem a apresentar melhores indicadores de saúde, maior engajamento cívico e menores índices de violência. O estudo aponta que o capital social pode representar um importante mediador entre políticas públicas e bem-estar coletivo.

Em gestão de recursos naturais, Pinheiro (2022) analisou como esse fator impacta o manejo do pirarucu na Reserva Extrativista do Baixo Juruá (Amazonas), buscando entender o que motiva as famílias a participarem desse processo. A pesquisa, que envolveu 62% dos 95 domicílios participantes, revelou diferenças significativas na adesão ao manejo, com algumas regiões registrando até 86% de participação, enquanto outras ficaram em torno de 31% e 33%. Além das conexões sociais, a percepção de benefícios diretos também impulsiona o engajamento dos moradores. Esses achados reforçam que o capital social não apenas fortalece os laços comunitários, mas também se mostra essencial para garantir a gestão sustentável dos



recursos naturais, sendo um aspecto estratégico para as comunidades e para os tomadores de decisão que buscam soluções eficazes para o desenvolvimento local. O capital social desempenha um papel fundamental na organização e gestão dos recursos naturais dentro das comunidades, influenciando diretamente a ação coletiva.

Por fim, Oliveira e Mello (2018) investigaram como o capital social se manifesta na organização do circo contemporâneo no Canadá. A pesquisa identificou que redes formais e informais de cooperação e reconhecimento entre artistas e instituições circenses contribuem para o acesso a recursos, editais e oportunidades profissionais. A integração em redes profissionais fortalece o capital social desses artistas e influencia diretamente suas trajetórias e estratégias organizacionais.

Em todos os estudos apresentados, fica evidente que o capital social ultrapassa a esfera teórica, constituindo-se em um instrumento concreto de transformação social. Suas manifestações variam conforme o contexto, mas seu potencial para promover confiança, cooperação e desenvolvimento é universalmente reconhecido. Como destaca Duque (2013), o capital social representa um recurso estratégico para o desenvolvimento sustentável, pois fortalece os vínculos comunitários e estimula práticas colaborativas que contribuem para a construção de sociedades mais justas e resilientes.

4. Capital social e sua relação com comunidades tradicionais, costeiras, saberes locais e territorialidade na Amazônia

O capital social configura-se, nas comunidades amazônicas, como uma infraestrutura relacional que sustenta práticas de reprodução social, gestão de recursos e afirmação territorial; não se trata apenas de um conjunto de normas ou redes, mas de processos encarnados em reciprocidade, memórias e rituais coletivos que organizam o uso e a defesa do território (Duque, 2013). Na Amazônia costeira, essa dimensão relacional articula saberes ecológicos locais, estratégias econômicas de subsistência e formas específicas de governança comunitária, produzindo uma territorialidade que é ao mesmo tempo material e simbólica. Reconhecer o capital social nesses termos exige deslocar o foco do indivíduo isolado para as redes e práticas que tornam possível a ação coletiva e a continuidade dos modos de vida tradicionais.

Os mecanismos pelos quais o capital social opera podem ser entendidos pelas categorias analíticas clássicas — bonding, bridging e linking —, que assumem manifestações concretas nas comunidades amazônicas. O bonding fortalece a coesão interna e facilita a coordenação em tarefas tais como o manejo comunitário do pirarucu, onde a confiança e a reciprocidade reduzem custos de monitoramento e incentivam a participação coletiva (Pinheiro, 2022). O bridging articula essas redes internas com mercados, iniciativas de economia solidária e espaços de circulação de saberes, como a Feirinha Solidária, que transforma conhecimento local em capital simbólico e econômico (Giarola; Betanho; Moura, 2024). O linking refere-se às conexões verticais entre comunidades e instituições públicas ou mecanismos de certificação (por exemplo, Fairtrade), que podem ampliar capacidade de negociação e acesso a benefícios, mas dependem da existência prévia de capital social denso para que os ganhos sejam equitativamente distribuídos (Aguiar; Romaniello; Pelegriani, 2021).

A transmissão dos saberes locais, central para a sustentabilidade desses arranjos, opera por meios não apenas pedagógicos, mas afetivos e ritualmente enraizados no território. Práticas de pesca, calendários agrícolas, classificações ecológicas e normas de uso coletivo são transmitidas por meio de práticas cotidianas, festas, cantos e aprendizagem intergeracional, formas que os métodos quantitativos tradicionais frequentemente negligenciam. Essa dimensão pedagógica relacional confere resiliência aos sistemas



socioecológicos, pois possibilita adaptações locais a choques ambientais e econômicos, mantendo repertórios de manejo que combinam observação empírica e saber normativo (Duque, 2013; Pinheiro, 2022).

Contudo, o capital social é vulnerável às perturbações promovidas por grandes empreendimentos, reassentamentos e processos de mercantilização do território. Evidências empíricas mostram que deslocamentos forçados e projetos de infraestrutura reduzem a confiança interpessoal, fragmentam redes de cooperação e comprometem práticas tradicionais, enfraquecendo a capacidade coletiva de gestão dos recursos (Souza; Fernandes; Matos, 2024). Esses impactos se dão por vários vetores: ruptura de arranjos de reciprocidade, perda de áreas de uso comum, influxo de atores externos com interesses divergentes e alterações nas dinâmicas de poder local que desmontam mecanismos informais de regulação.

É preciso ainda problematizar o caráter ambivalente do capital social: embora promova coesão e ação coletiva, também pode reproduzir exclusões e assimetrias internas quando redes fechadas servem para proteção de privilégios. Análises sociológicas contemporâneas ressaltam que normas e confiança podem operar como mecanismos de inclusão e exclusão simultâneos, condicionadas por gênero, classe e posição na rede (Correa; Pinheiro, 2024). Assim, políticas que valorizem o capital social devem considerar as dinâmicas internas das comunidades, evitando instrumentalizá-las sem enfrentar desigualdades e sem garantir meios que ampliem o bridging e o linking de grupos marginalizados.

As implicações políticas dessa reflexão são imediatas: reconhecer o capital social como insumo para políticas públicas implica investir em medidas que promovam a cooperação, a segurança jurídica dos territórios e o fortalecimento institucional das organizações locais. Isso inclui apoio a processos de certificação justa que preservem benefícios comunitários, financiamento a iniciativas de economia solidária, fomento à participação efetiva nos processos decisórios sobre concessões e energias, e programas de fortalecimento de capacidades que respeitem os saberes locais. Estratégias desse tipo podem transformar o capital social em um fator de resiliência territorial e de justiça socioambiental (Aguiar; Romaniello; Pelegrini, 2021).

Finalmente, do ponto de vista investigativo, torna-se imprescindível aprofundar metodologias que capturem a complexidade do capital social na Amazônia: estudos etnográficos longitudinais, mapeamentos participativos, pesquisa-ação e abordagens interdisciplinares que cruzem dados qualitativos e quantitativos. Há lacunas claras, entre elas a sub-representação de saberes orais não publicados, a necessidade de análises interseccionais que considerem gênero e geração, e o efeito cumulativo das pressões energéticas sobre redes sociais locais. Avançar nessas frentes permitirá não apenas descrever, mas intervir de forma informada em políticas que busquem conciliar desenvolvimento, conservação e a reprodução cultural das comunidades tradicionais costeiras da Amazônia.

5. Consideração final

O capital social é um conceito amplo e dinâmico, presente nas interações sociais, nas instituições e nas práticas comunitárias. Ao longo deste capítulo, percebe-se que, apesar das diferentes abordagens teóricas, há um consenso sobre sua relevância para fortalecer vínculos, promover confiança e impulsionar a ação coletiva.

Autores como Bourdieu, Coleman e Putnam, além das contribuições de estudiosos contemporâneos como Fukuyama e Lin, mostram que o capital social pode tanto contribuir para a emancipação social quanto perpetuar desigualdades, dependendo do contexto em que



se desenvolve. Em sociedades mais excludentes, ele pode ser instrumentalizado para manter privilégios, mas quando cultivado em ambientes de cooperação e solidariedade, torna-se uma ferramenta essencial para o desenvolvimento humano e institucional.

Na prática, o capital social não é apenas uma ideia abstrata, mas um recurso concreto que impacta diretamente o funcionamento das organizações, a capacidade de resiliência das comunidades e a efetividade das políticas públicas. Seja no fortalecimento de redes empresariais, na gestão sustentável de recursos naturais ou na promoção da saúde e educação, ele se mostra fundamental para a coesão social e a construção de sociedades mais equilibradas.

Diante disso, é essencial que gestores públicos, formuladores de políticas e líderes comunitários reconheçam a necessidade de criar ambientes que favoreçam a construção e manutenção de redes sociais saudáveis. Incentivar práticas que estimulem confiança, participação e reciprocidade pode ser determinante para transformar realidades em diversas escalas.

Por fim, entender o capital social como um ativo estratégico para o desenvolvimento local e global reforça a urgência de pesquisas interdisciplinares que aprofundem seus mecanismos, ampliem sua mensuração e investiguem seu papel frente aos desafios da democracia, inclusão e inovação social na atualidade.

6. Referências

- AGUIAR, B. H.; ROMANIELLO, M. M.; PELEGRINI, D. F. **A influência do Fairtrade no desenvolvimento do capital social: o caso dos cafeicultores da Cooperativa “Dos Costas”.** *Revista de Economia e Sociologia Rural*, Brasília, v. 60, n. 2, p. 1–22, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.224545>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.224545>. Acesso em: 26 set. 2025.
- AKAHOSHI, W. B.; BINOTTO, E. **Cooperativas e capital social: caso da Copasul, Mato Grosso do Sul.** *Gestão & Produção*, São Carlos, v. 23, n. 1, p. 104–117, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-530X532-13>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-530X532-13>. Acesso em: 3 maio 2025.
- BOURDIEU, P. **Distinção: uma crítica social do julgamento do gosto.** Cambridge: Routledge e Kegan Paul Ltd, 1984.
- BOURDIEU, P. **As formas do capital.** In: RICHARDSON, J. G. (org.). *Handbook of theory and research for the sociology of education*. Nova Iorque: Greenwood Press, 1986. p. 241–258.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. P. D. **Um convite à sociologia reflexiva.** Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- COLEMAN, J. S. **Teoria social, pesquisa social e uma teoria da ação.** *The American Journal of Sociology*, v. 91, n. 6, p. 1309–1335, 1986. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2779798>. Acesso em: 5 abr. 2025.
- COLEMAN, J. S. **Social capital in the creation of human capital.** *The American Journal of Sociology*, v. 94, supl., p. S95–S120, 1988.
- COLEMAN, J. S. **Fundamentos da teoria social.** Cambridge: Harvard University Press, 1990.
- CORREA DUARTE, S.; PINHEIRO BARBOSA, L. **Capital social: uma revisão teórica na perspectiva sociológica.** *Revista Inter-Legere*, v. 7, n. 40, p. c35978, 2024. DOI: 10.21680/1982-1662.2024v7n40ID35978. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/35978>. Acesso em: 26 set. 2025.
- DE FREITAS, D. A. P.; DE FREITAS, A. G. P.; ALVES JÚNIOR, J. A. **Capital social, inovação e desenvolvimento.** *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, v. 15, n. 4, 2021.
- DUQUE, E. **Capital social como instrumento de desenvolvimento sustentável.** *Configurações*, n. 11, p. 189–201, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/configuracoes/1862>. Acesso em: 26 set. 2025.



- FUKUYAMA, F. *Trust: The social virtues and the creation of prosperity*. New York: Free Press, 1995.
- GAMBA-LIMA, C. et al. **Capital social e seu papel nas redes empresariais: uma perspectiva teórica**. *Observatório de la Economía Latinoamericana*, v. 22, n. 7, p. e5664, 2024. DOI: 10.55905/oelv22n7-071. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/5664>. Acesso em: 7 abr. 2025.
- GIAROLA, E.; BETANHO, C.; MOURA, L. C. **Análise da formação de capital social: um estudo de caso da Feirinha Solidária do CIEPS/UFU**. *Revista Campo-Território*, Uberlândia, v. 19, n. 54, p. 1–11, 2024. DOI: 10.14393/RCT195472913. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/72913>. Acesso em: 26 set. 2025.
- HANIFAN, L. J. *The Rural School Community Center*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1916.
- KIEWIT, M. et al. **Redes sociais e inovação: o papel do capital social**. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 21, n. 5, 2017.
- LIN, N. **Social networks and status attainment**. *Annual Review of Sociology*, v. 25, p. 467–487, 1999.
- MULS, A. R. **Capital social: abordagens teóricas e aplicações**. *Revista de Desenvolvimento Regional*, v. 4, n. 2, p. 123–140, 2008.
- OLIVEIRA, J. S.; MELLO, C. M. **Influências do capital social na formação do circo contemporâneo canadense: um estudo na Cidade de Montréal, Canadá**. *RACE – Revista de Administração, Contabilidade e Economia*, v. 17, n. 1, p. 103–128, 2018. DOI: 10.18593/race.v17i1.10424. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/race/article/view/10424>. Acesso em: 2 maio 2025.
- PATTUSSI, M. P. et al. **Capital social e a agenda de pesquisa em epidemiologia**. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, p. 1525–1546, 2006. DOI: 10.1590/S0102-311X2006000800002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000800002>. Acesso em: 2 maio 2025.
- PELEGRINI, D. F.; SHIKI, S.; SHIKI, H. M. **Capital social e desenvolvimento rural: desafios para a construção de políticas públicas**. *Revista de Economia Agrícola*, v. 62, n. 1, p. 37–54, 2015.
- PINHEIRO, P. S. **O papel do capital social na promoção da ação coletiva para co-gestão da pesca de pequena escala na reserva extrativista do Baixo Juruá, no Centro-Oeste da Amazônia Brasileira**. *Biodiversidade Brasileira*, v. 12, n. 5, p. 91–108, 2022. DOI: <https://doi.org/10.37002/biodiversidadebrasileira.v12i5.1900>. Acesso em: 26 set. 2025.
- PUTNAM, R. D. **Bowling alone: America's declining social capital**. *Journal of Democracy*, v. 6, n. 1, p. 65–78, 1995. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/16643/summary>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- PUTNAM, R. D. *Fazendo a democracia funcionar: tradições cívicas na Itália moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- PUTNAM, R. D. *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. Nova York: Simon and Schuster Paperbacks, 2000.
- RIBEIRO, L. L.; ARAÚJO, J. A. **Capital social e pobreza no Brasil**. *Revista de Economia Política*, v. 38, n. 4, p. 749–765, out./dez. 2018.
- SILVA, M. R.; OLIVEIRA, A. C. de. **Princípios epistemológicos da teoria do capital social na área da administração**. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 46–63, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/yjWxyGrvv93RncW9RZqrmSx>. Acesso em: 18 jul. 2025.
- SOUZA, E. C.; FERNANDES, A. M.; MATOS, G. B. da C. **Capital social e desenvolvimento regional: impactos em uma comunidade ribeirinha atingida pela construção de usina hidrelétrica**. *DRd – Desenvolvimento Regional em Debate*, v. 14, p. 908–922, 2024. DOI: 10.24302/drd.v14.4888. Disponível em: <https://doi.org/10.24302/drd.v14.4888>. Acesso em: 26 set. 2025.